Esqueletos
Ikkyu

Esqueletos

Agosto 2012

© da tradução: Eugénio Outeiro
© da diagramação: Eugénio Outeiro

Fonte do Texto: *Wild Ways*, White Pine Press, 2003, USA.

Fonte das imagens:

Capa: Calendário Pin-Up da empresa ENZO para 2010

Contracapa: *Um Olho de Vidro* de Castelao

Ilustrações: *ikkyu gaikotsu* (1692).
Reprodução digital disponível nos arquivos da biblioteca da Waseda University
(http://archive.wul.waseda.ac.jp/kosho/ha05/ha05_03711/ha05_03711.html)

Atribuição — Tem de fazer a atribuição do trabalho, da maneira estabelecida pelo titular originário ou licenciante (mas sem sugerir que este o apoia, ou que subscreve o seu uso do trabalho).

Compartilha Igual — Se alterar ou transformar este trabalho, ou criar um trabalho baseado neste trabalho, só pode distribuir o trabalho resultante licenciando-o com a mesma licença ou com uma licença semelhante a esta.

Esqueletos

Estas finas linhas de tinta da Índia, revelam toda a verdade.

Praticantes, sentem-se honestamente em zazen e perceberão que tudo o nascido neste mundo é finalmente vazio, incluindo um próprio e a face original da existência. Todas as coisas, de facto, surgem da vacuidade. Esta ausência original de forma é 'Buda', e todos os outros termos similares – Natureza de Buda, Budeidade, Mente de Buda, o Desperto, o Patriarca, Deus – são só expressões diferentes para a mesma vacuidade. Entendam mal isto e acabarão no inferno.

Cheio de pena e vontade de me libertar do reino dos contínuos nascimentos e mortes, abandonei o meu lar e parti de viagem. Uma noite cheguei a um pequeno templo solitário, à procura de um lugar em que descansar. Estava muito longe da estrada principal, na base da montanha, aparentemente perdido numa vasta Planície de Descanso. O templo estava num campo de sepulturas, e subitamente um esqueleto de aparência triste apareceu dizendo estas palavras:

> Um vento outonal e melancólico
> sopra através do mundo:
> da mesma maneira que nós nos dirigimos ao porto,
> as ondas da erva-das-pampas,
> dirigem-se ao mar.

Que poderá ser feito
da mente de um homem
que devia estar limpa mas,
vestido com um hábito de monge,
simplesmente deixa passar a vida à sua frente?

Todas as coisas se tornam nada quando voltam à sua origem. Bodidharma olhou para a parede durante a meditação, mas nenhum dos pensamentos que apareceram na sua mente tinham nenhuma realidade. O mesmo se pode dizer dos cinquenta anos de Buda proclamando o Dharma. A Mente não está atada a essas coisas condicionadas.

Estas fundas meditações puseram-me inquieto e não podia dormir. Por volta do amanhecer, cabeceei e nos meus sonhos vi-me rodeado por um grupo de esqueletos, agindo como o faziam em vida. Um deles achegou-se a mim e disse-me:

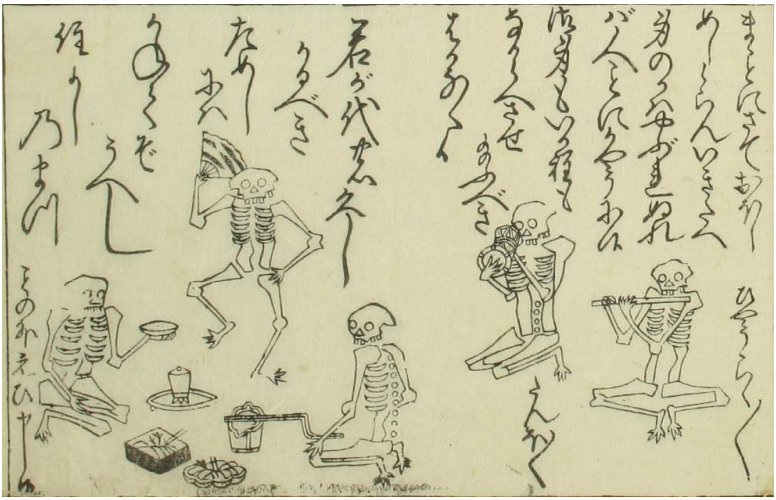
Lembranças
fugiram e
não há mais nada:
todas são sonhos vazios
desprovidos de significado.

Estupra a realidade das coisas
e balbucia sobre
'Deus' e o 'Buda'
e nunca encontrarás
o verdadeiro Caminho.

Ainda a respirar,
a sentir-te animado,
um cadáver no campo
parecer-te-á uma coisa
separada de ti.

Logo me dei bem com este esqueleto – tinha renunciado ao mundo para procurar a verdade e tinha passado dos baixios às profundezas. Ele viu as coisas com claridade, tal como são. Eu deitei-me lá com o vento entre os pinheiros a cochichar nos meus ouvidos e o luar do outono a dançar através da minha cara.

Que será que não é um sonho? Quem é que não vai acabar como um esqueleto? Aparecemos como esqueletos cobertos de pele, homem e mulher, e desejamos uns os outros. Quando o alento acaba, porém, a pele estilhaça-se, o sexo desaparece, e já não há acima ou abaixo. Por baixo da pele da pessoa que agora acariciamos e afagamos, nada mais



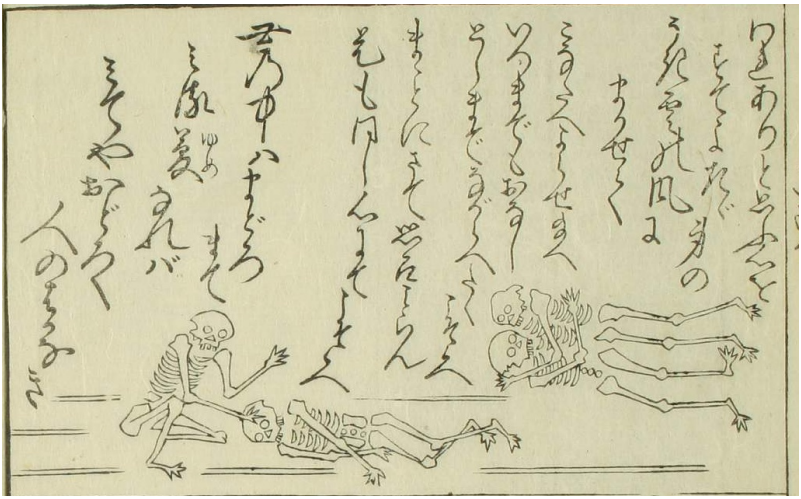
há que um simples conjunto de ossos. Pensa nisso – alto ou baixo, jovem e velho, homem e mulher, tudo o mesmo. Acorda a este único e grande assunto e imediatamente perceberás o significado de 'não nascer nem morrer'.

Se pedaços de pedra
podem servir
para lembrar os mortos,
melhor lápide será
um almofariz de chá.

Os homens são realmente seres assustadores.

Uma única lua
brilhante e clara
num céu sem nuvens:
e mesmo assim enganamo-nos
na escuridão do mundo.

Repara bem – deixa de respirar, retira a pele, e todo o mundo acaba com as mesmas traças. Não importa quanto vivas, o resultado não muda. Livra-te da noção de 'Eu existo'. Entrega-te às nuvens que leva o vento e não tenciones viver para sempre.

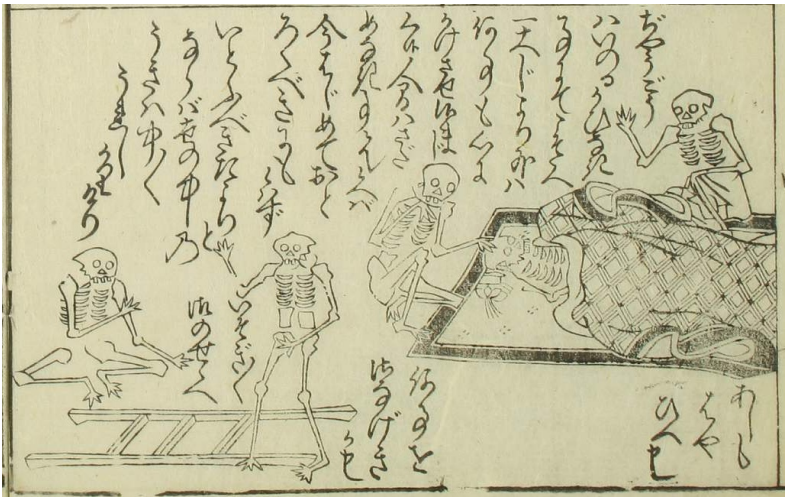


Este mundo
nada mais é
que um sonho passageiro.
Porque alarmar-se, então,
quando se desvanece?

O teu período de vida está decidido, e as súplicas aos deuses para alargá-lo não servem de nada. Mantém a tua mente centrada no grande assunto da vida e da morte. A vida acaba na morte, assim é que são as coisas.

Os caprichos da vida,
apesar de dolorosos,
servem para ensinar-nos
a não prender-nos
a este mundo flutuante.

Porque é que as pessoas fazem
complexas decorações
para este conjunto de ossos
destinado a desaparecer
sem deixar rasto?

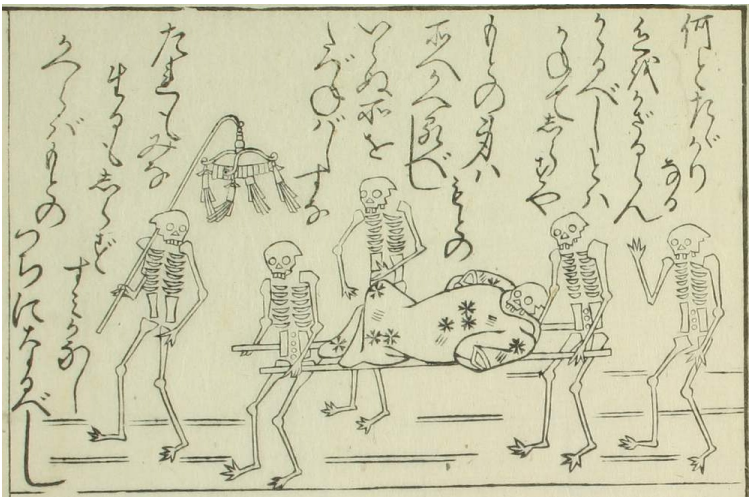


O corpo original
tem de voltar
ao lugar donde vem:
não procures
o que não pode ser achado.

Ninguém conhece realmente
a natureza do parto
nem o verdadeiro lugar em que se mora:
voltamos à fonte
e tornamo-nos pó.

Muitos caminhos levam
ao topo da montanha,
mas do cimo
todos vemos a mesma
única lua brilhante.

Se no fim da jornada
não houver lugar
em que descansar para sempre,
é inútil ter medo
de perder o caminho.

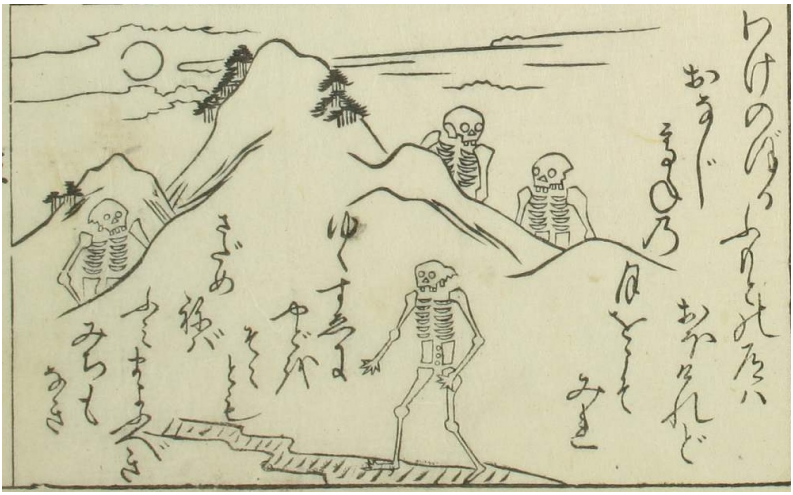


Sem início,
sem fim;
a nossa mente
nasce e morre.
Vacuidade da vacuidade!

Desfalece
e a tua mente
vai tornar-se selvagem;
controla a existência
e poderás conjurá-la à parte.

Chuva, granizo, neve e gelo
são diferentes
mas depois de caírem
todas são a mesma água
no riacho do vale.

São muitas as maneiras
de proclamar a Mente Única,
mas em todas elas
pode ser vista
a mesma verdade celestial.

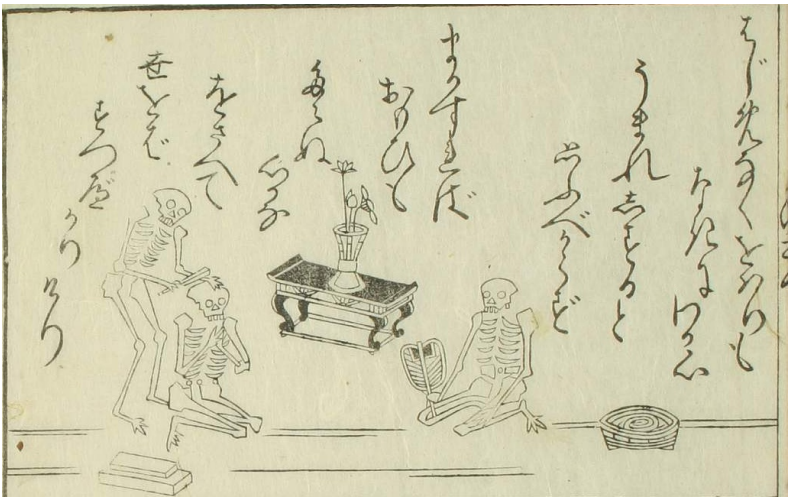


Cobre o teu caminho
com as agulhas caídas dos pinheiros
para que ninguém possa
localizar a tua
verdadeira morada.

Quanta vaidade
nos funerais intermináveis
dos campos de incineração do Monte Toribe:
será que os carpidores não reparam
que eles são os próximos?

'A vida é passageira'
pensamos quando vemos
o fumo que sai do Monte Toribe:
mas quando é que vamos reparar
que nós estamos no mesmo barco?

É tudo vão!
Hoje de manhã
um amigo saudável;
depois à noite
só um fio de fumo.

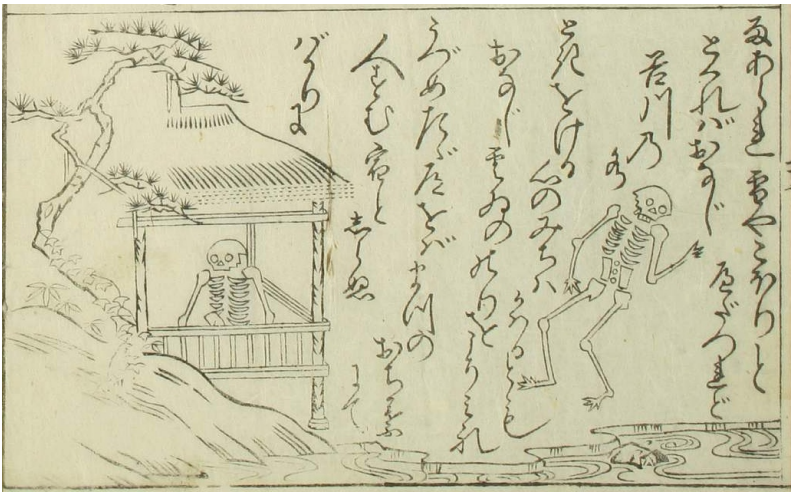


Que pena!
Fumo nocturno do Monte Toribe
soprado violentamente
para um e outro lado
pelo vento.

Quando queimado
torna-se cinzas
e terra quando é enterrado.
São só os nossos pecados
que deixamos atrás?

Todos o pecados
cometidos
nos Três Mundos
vão esvaecer-se
comigo.

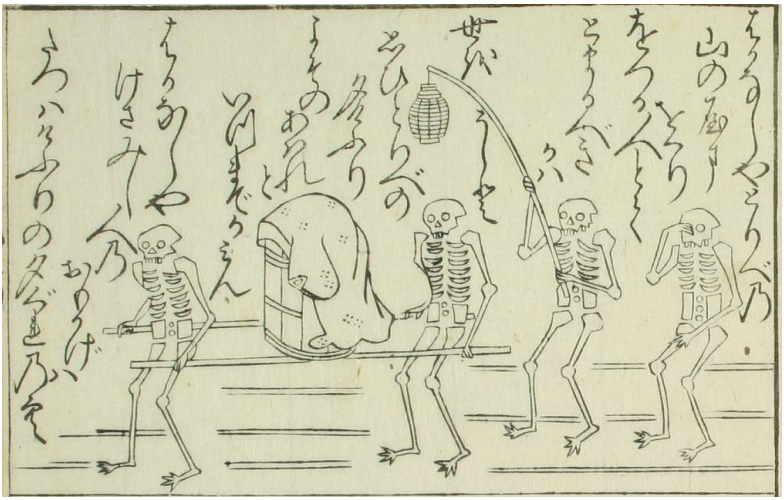
É assim que é o mundo. Aqueles que não compreenderam a impermanência do mundo são aterrorizados e surpreendidos por essa mudança. Poucas pessoas procuram hoje em dia a verdade do Buda, e o mosteiros estão muito vazios. A maioria dos sacerdotes são ignorantes, e



evitam o zazen como se fosse uma moléstia. Eles são desmazelados nas suas meditações, focando a sua atenção em enfeitar os seus templos. O seu zazen é uma farsa, e estão simplesmente mascarados de monges. Os mantos que vestem tornar-se-ão pesados casacos de tortura um dia.

No cosmos do nascimento e da morte, agarrar-se à vida leva ao inferno; a gula leva a renascer como um espírito faminto; a ignorância leva a renascer como um animal; o ódio transformar-te-á num demónio. Segue os preceitos e poderás renascer como um ser humano. Faz boas ações e ascenderás ao nível dos deuses. Sobre estes seis reinos estão os quatro reinos da Sabedoria Budista: em total dez reinos de existência. No entanto, um único Pensamento de Iluminação, revela que todos eles carecem de forma, não têm nada dentro, e não podem ser odiados, temidos nem desejados. A existência é percebida como um fio de nuvem no vasto céu de espuma que há na água. Não aparecem pensamentos na mente, portanto nada é criado. Mente e objecto são um e vazios, mais além de toda dúvida.

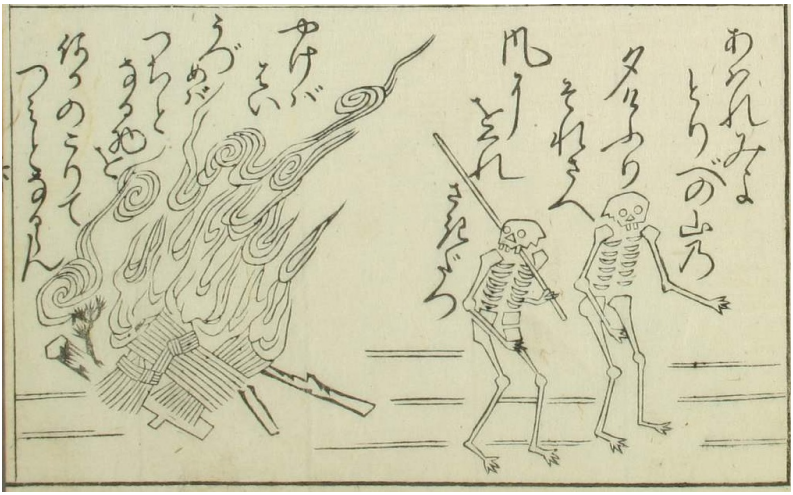
O nascimento é como o lume: o pai é a pederneira, a mãe é a pedra, e a isca resultante é a criança. O lume inicia-se com o elementos básicos e arde até que esgota o combustível. O facto de o pai e a mãe fazerem o amor produz a isca da vida. Como os pais não têm existência própria, eles também faiscaram; todas as coisas surgem da vacuidade – a fonte de todas as formas. Liberta-te das formas e retorna ao chão original do Ser. Deste chão, a vida continua, mas deixa isto ir embora também.



Abre ao meio
uma cerejeira
e não vais achar flores,
mas a brisa da primavera
faz nascer milhares de rebentos!

Sem necessidade de pontes,
as nuvens sobem ao céu
sem esforço;
não é preciso acreditar em nenhum
dos ensinamentos de Gautama Buda.

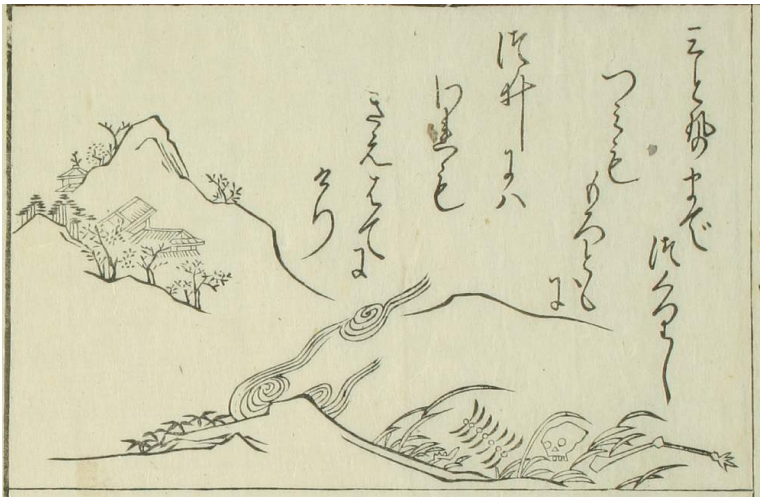
Gautama Buda proclamou o Dharma durante cinquenta anos, e quando o seu discípulo Kashyapa lhe perguntou pela chave central dos seus ensinamentos, Buda disse: "Desde o princípio até ao fim, eu não ensinei uma única palavra", e pegou numa flor. Kashyapa sorriu e Buda deu-lhe a flor, dizendo estas palavras: "Tu possuis a Mente Maravilhosa da Verdadeira Lei". "Que queres dizer?" perguntou Kashyapa. "Os meus cinquenta anos de ensinamentos" disse-lhe Buda, "foram todo o tempo acenos para ti, como se estivesse a trazer uma criança aos meus braços com a promessa de um prémio".



Esta flor do Dharma não pode ser descrita de forma física, mental ou verbal. Não é material nem espiritual. Não é um conhecimento intelectual. O nosso Dharma é a Flor do Veículo Único que inclui todos os Budas do passado, presente e futuro. Inclui os vinte e oito Patriarcas indianos e os seis chineses; é a terra original da existência – tudo o que existe. Todas as coisas são sem princípio e dessa maneira incluem tudo. Os oito sentidos, as quatro estações, os quatro elementos (terra, água, lume, vento), todos têm origem na vacuidade, mas poucos a realizam. O vento é o alento, o lume é o facto de ser animado, a água é o sangue; quando o corpo é cremado ou enterrado, transforma-se em terra. Mas estes elementos são sem fundamento próprio e nunca obedecem.

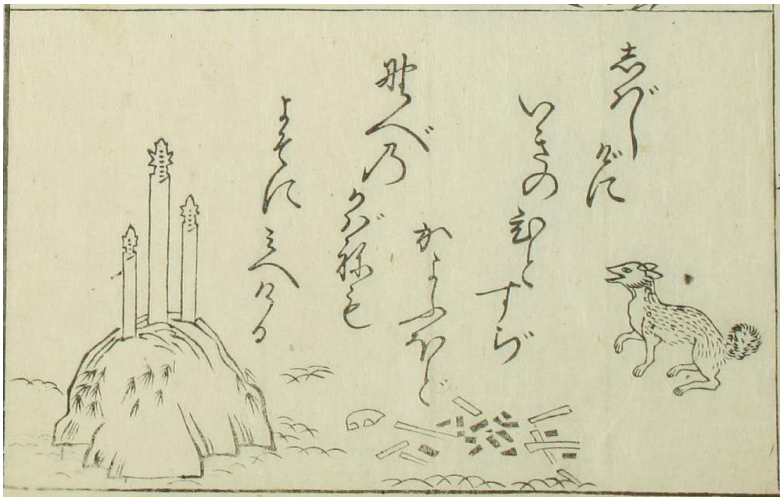
Neste mundo
todas as coisas sem excepção
são irreais:
a própria morte
é uma ilusão.

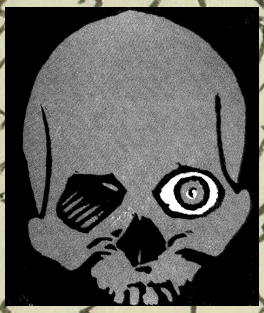
Os enganos fazem pensar que, ainda que o corpo morre, a alma permanece – este é um grave erro. O iluminado afirma que tanto a alma como o corpo morrem juntos. "Buda" é vacuidade, e o céu e a terra voltam à mesma terra da existência.



Deixei de lado os oito mil livros de escrituras e dei-te a essência neste fino volume. Isto vai trazer-te uma grande felicidade.

Escrever alguma coisa
que deixar atrás de ti
é outra forma de sonhar:
por isso quando acordo eu sei
que não há ninguém para lê-lo.





Editado em Agosto de 2012 empregando exclusivamente software livre.